

RATO

053 E O

QUEIJO




INTRODUÇÃO

Este zine nasce do interesse em refletir sobre aquilo que o modo de produção capitalista busca naturalizar: a exploração do trabalhador e trabalhadora e o agravamento do adoecimento psíquico na contemporaneidade. Aqui, colocamos em foco o *ethos* do capitalismo e suas múltiplas formas de colonizar nossos corpos, mentes e outros modos de ser e estar no mundo.

Com o advento da Revolução Industrial no século XVIII, o trabalho deixou de ser artesanal, ligado ao ritmo da natureza e aos saberes locais, para se tornar mecanizado, cronometrado e, muitas vezes, preconizado. As longas jornadas nas fábricas, a repetição exaustiva de tarefas e a alta demanda por produtividade passaram a definir a vida e o desempenho esperado dos trabalhadores.

Nesse sentido, nosso ponto de partida é o cotidiano do trabalhador e trabalhadora que vive entre o sonho e “a merda da sobrevivência” — expressão que escancara como o trabalho se torna cada dia mais distante de ser uma atividade de realização pessoal e profissional, para se tornar motor de produtividade compulsória, exploração crônica e adoecimento psíquico.

Falaremos sobre como a lógica da docilidade-utilidade, parafraseando Michel Foucault (1987), se infiltra em nossas vidas e em nossas atividades mais íntimas do cotidiano, esvaziando o tempo de descanso e nos roubando o direito ao ócio. Também mergulharemos na experiência do trabalho alienado, nas rotinas insuportáveis que transformam as pessoas em mais uma engrenagem dentro do sistema capitalista.



Para Karl Marx, o trabalho é uma atividade essencialmente humana, por meio da qual o ser humano transforma a natureza e se realiza. Contudo, no sistema capitalista, essa atividade se torna alienada e fonte de exploração. A mais-valia, conceito central de sua crítica ao capitalismo, sustenta a desigualdade social como um mecanismo de continuidade da precarização do trabalho e da saúde mental dos trabalhadores (MARX, 2004).

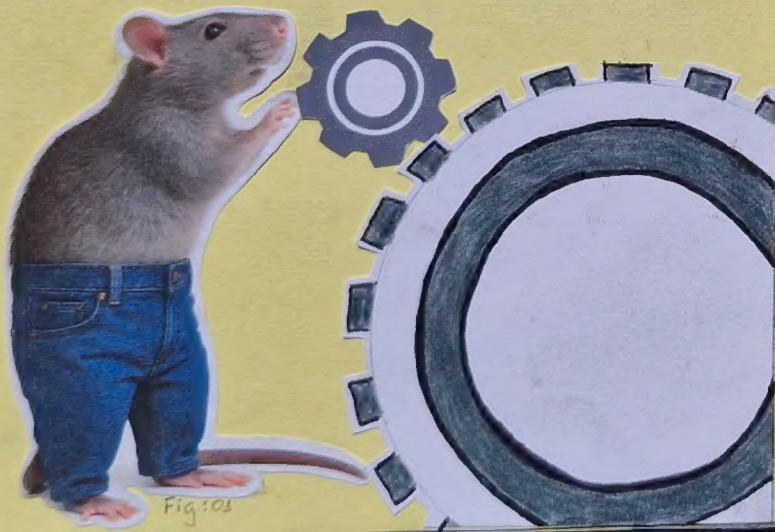
As fronteiras entre a vida pessoal e o trabalho tornam-se indistintas. Sob a lógica de sermos sempre úteis e produtivos, o descanso passa a ser sinônimo de perda, uma vez que o trabalho não gera fonte de renda o suficiente para proporcionar tempo livre, nos obrigando a trabalhar cada vez mais. O historiador Edward P. Thompson, ao abordar a teoria do “tempo medido”, mostra como o capitalismo reconfigurou o significado do tempo: o ritmo da natureza e da corporalidade foi substituído pela corrida contra o relógio. O tempo deixa de ser tecido da vida e passa a ser mercadoria — afinal, “tempo é dinheiro”

(THOMPSON, 1998). Portanto, entre as páginas, fazemos uma **marcha fúnebre** por todas as vidas ceifadas pela lógica da pressa, da produção, da indiferença — vidas que, como cantou Chico Buarque, “morreram na contramão atrapalhando o tráfego”.

APRESENTAÇÃO

053 era um rato comum, de pele enrugada e queimada do sol, pesava algumas gramas e vivia em uma toca de 30m² no centro de uma grande engrenagem urbana. Biologicamente, ele é um homem, mas todos o chamam de 'Rato'...

...talvez porque vive sempre correndo, com medo, caçando o mínimo para sobreviver. Ou talvez porque tenha se tornado um ao longo de suas duas décadas e pouco de vida, que já se expressavam em rugas, como se tivesse vivido quatro.

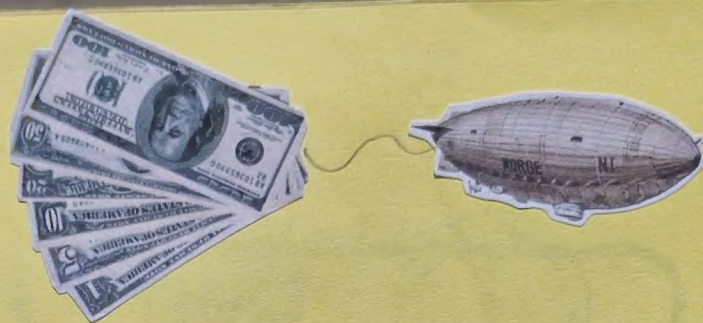


Ethos do capitalismo

Rato nasce num mundo onde tudo já tem preço, inclusive sua vida, vendida por 1518\$, 44 horas semanais. Às vezes, sua identidade se funde com o trabalho e, assim como um rato, possuía grande adaptabilidade, que é a capacidade de se ajustar a diferentes situações, ambientes e desafios.



E na grande engrenagem urbana moderna, a adaptabilidade é uma grande vantagem. A capacidade de adaptabilidade fez com que Rato conseguisse sobreviver com 1518\$, entre conta de luz, água, comida e transporte.



Desde muito cedo Rato trabalha para ajudar em casa. A noção de infância não chegou para Rato e seus cinco irmãos, ele viveu como o século XVIII: como adulto em miniatura.

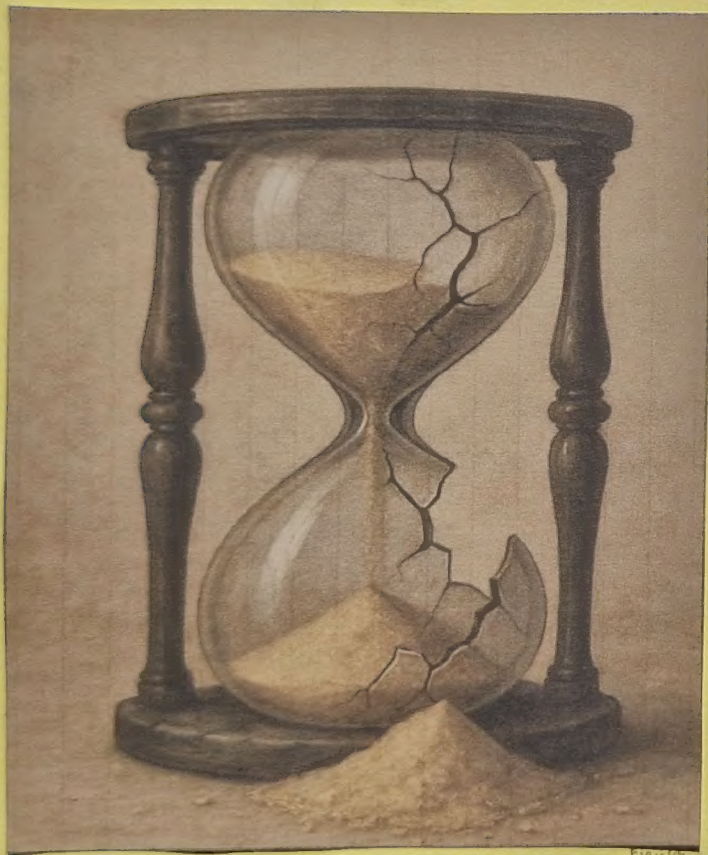
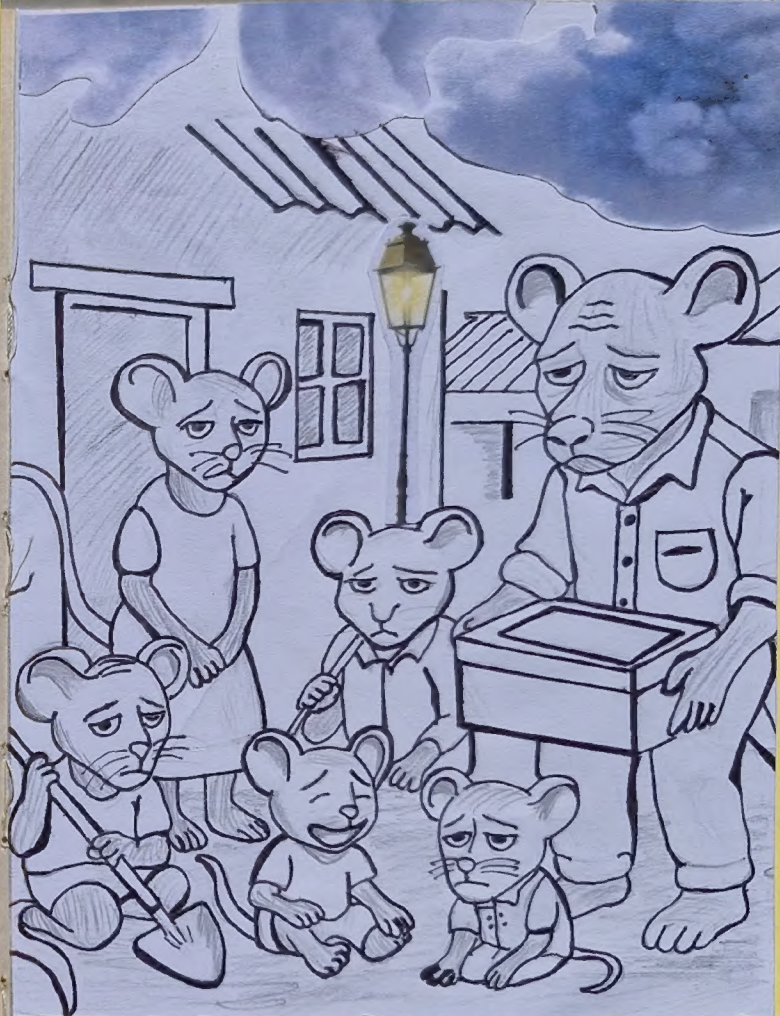


Fig. 66



Há um ensinamento social que Rato tanto presa, porque sempre escutou e, assim como todos foi ensinado a seguir:

O trabalho dignifica o homem

Por isso, se estudasse um pouco mais, trabalhasse um pouco mais, dormisse menos, ele conseguiria deixar de ser rato. Afinal, deus ajuda quem cedo madruga!



Trabalho



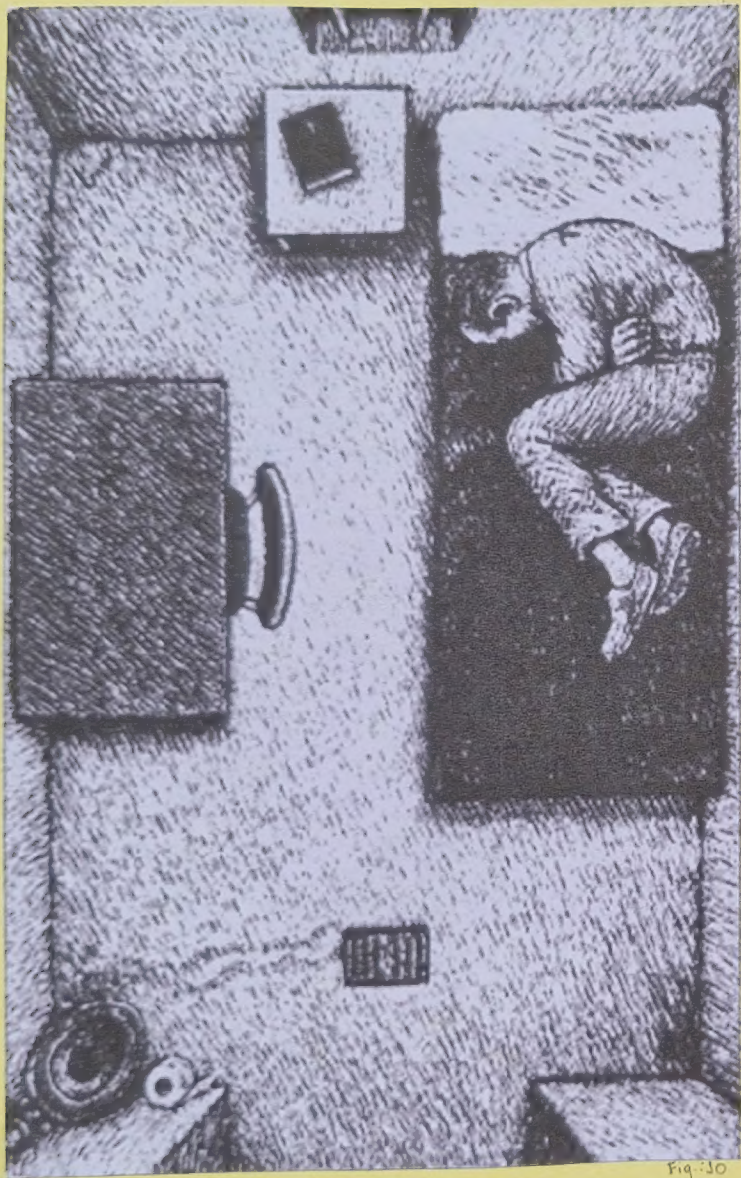
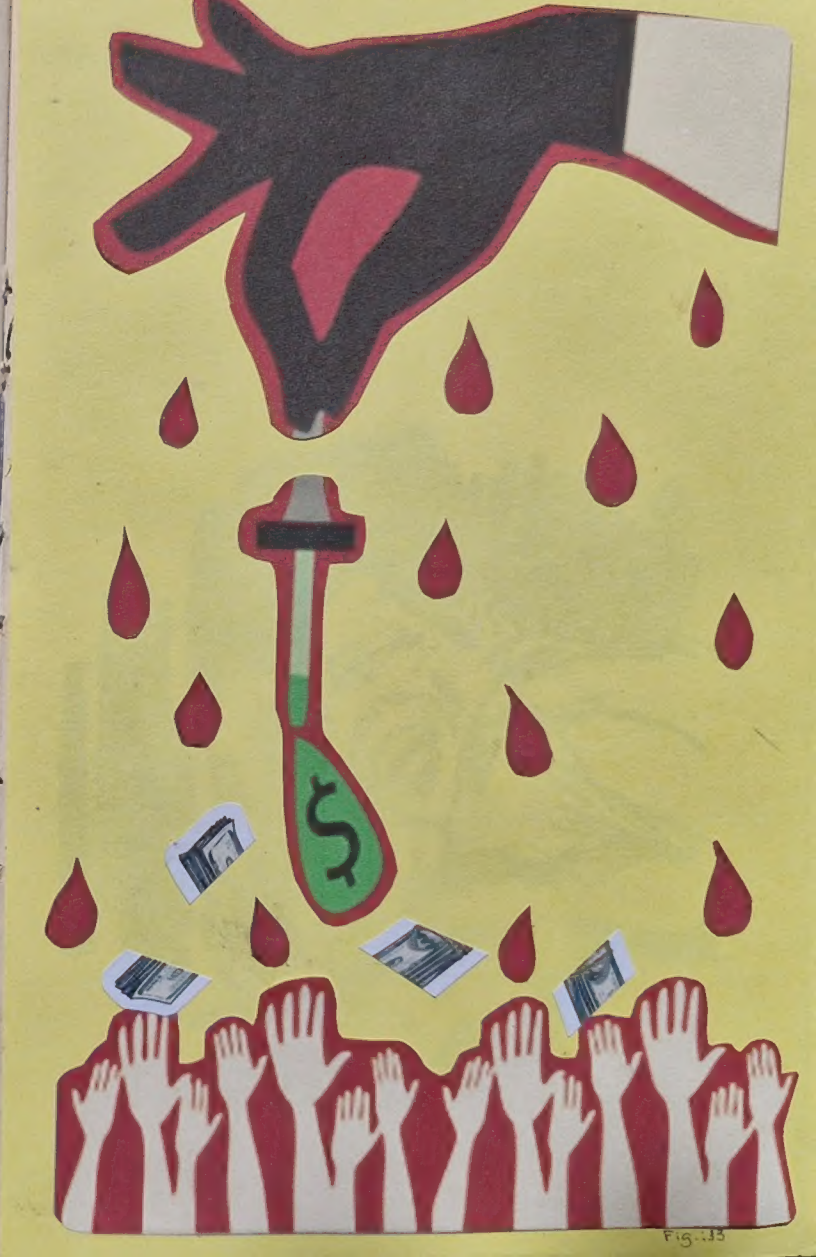


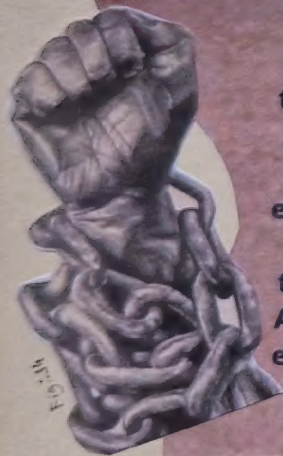
Fig. 30



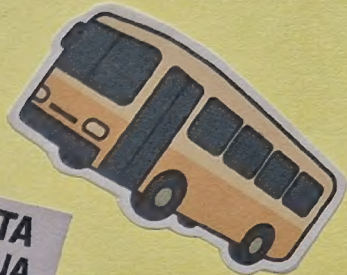
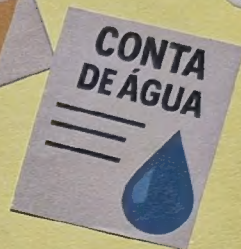
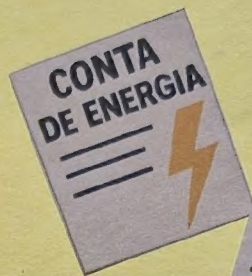
Fig. 31



**"Viver entre o sonho ou a merda da sobrevivência":
Trabalho, produtividade e exploração.
(Racionais mc, A vida é um desafio).**

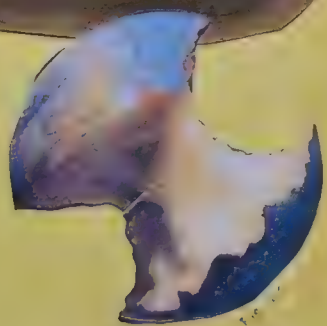
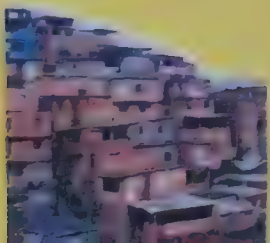


**Rato teve uma noite de insônia.
O despertador não precisou
tocar, pois, aquela noite, ele não
dormiu. Preparou quase nada
para levar na marmita. Sua
escala de trabalho nem existe na
legislação trabalhista, pois
trabalha de domingo a domingo.
As oitos horas por dia se tornava
em doze, porque ainda tinha que
pegar o ônibus para voltar para
casa.**



**FALTA DE
MOTIVAÇÃO**



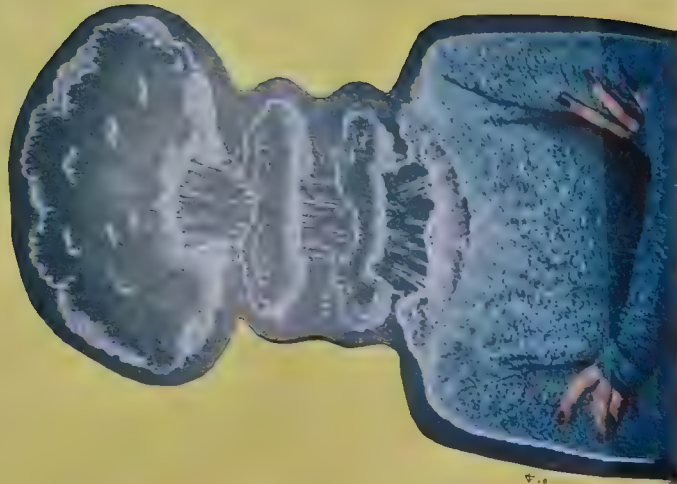


Nos finais de semana, Rato também trabalha. Ele aprendeu uma palavra nova: empreendedorismo. Então ele empreende para fazer uma grana extra, trabalhando como Uber Moto. Até porque, "Quem não corre, não come". E "tempo é dinheiro".

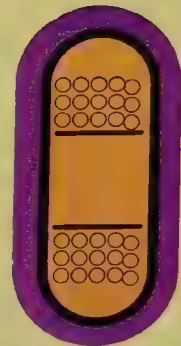
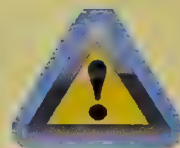
A docimento psíquico e trabalho alienado

Apesar de ter vivido apenas duas décadas e pouco, Rato se sente um fracassado. Ele não tem queijo suficiente, então, à noite, não dorme. Sente medo, desesperança e insegurança — mas não em relação à sua aparência feia, que é de rato, e sim insegurança alimentar: um nome bonitinho para falar dos que passam fome.



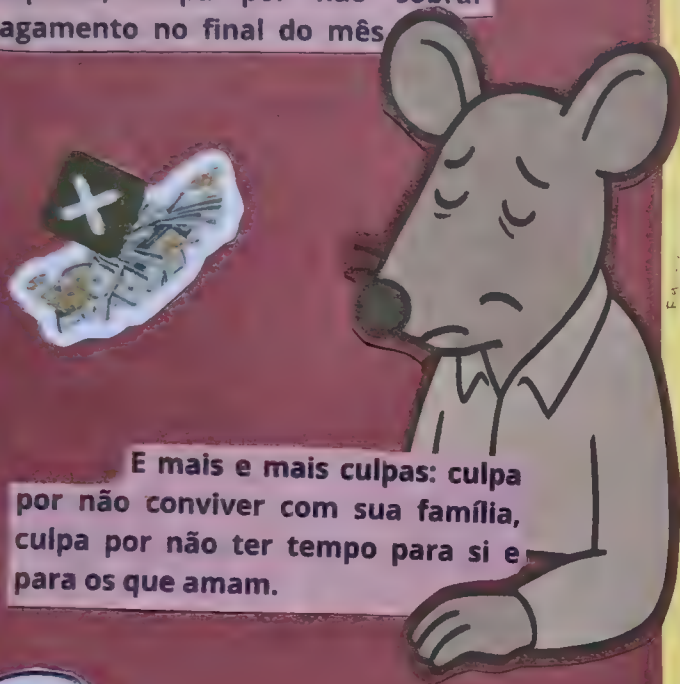


TENSÃO PSÍQUICA



Rato sente-se em constante estado de esgotamento físico, emocional e mental causado pelo estresse crônico no trabalho. Exaustão, desmotivação, dificuldade de concentração, alterações de humor, sensação de incapacidade e isolamento social eram apenas alguns dos sintomas de lhe afetavam

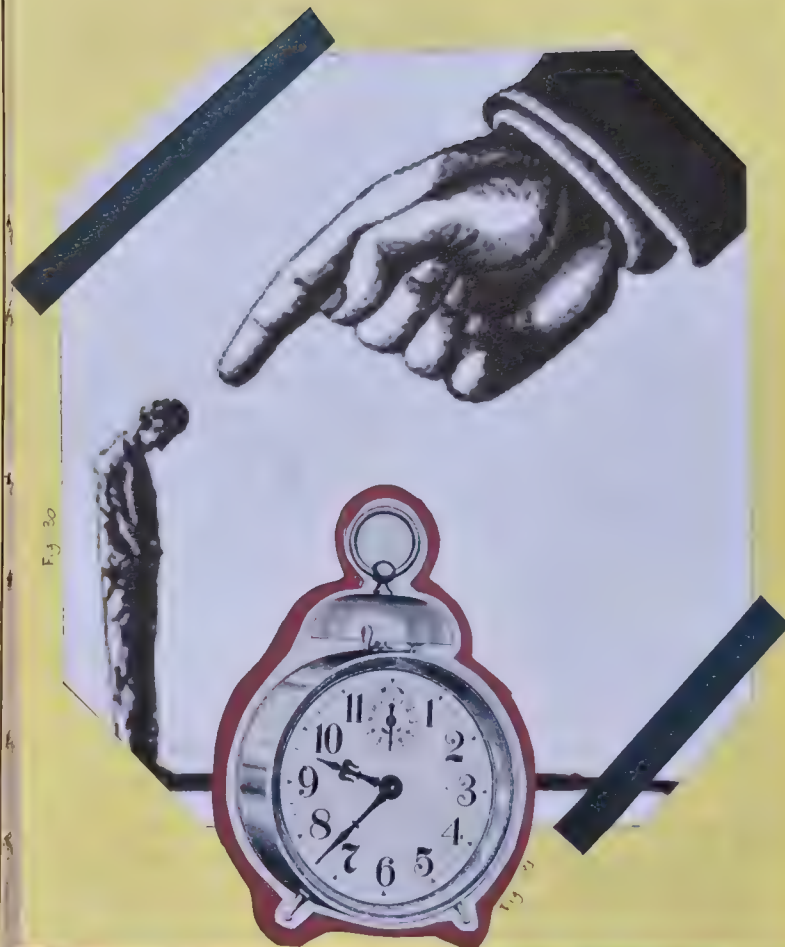
Mas, o que o Rato mais sentia era culpa. Culpa por descansar enquanto usava o banheiro da empresa, culpa por não sobrar pagamento no final do mês.



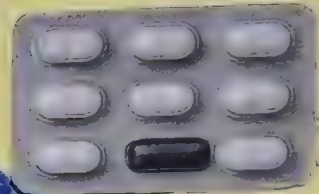
E mais e mais culpas: culpa por não conviver com sua família, culpa por não ter tempo para si e para os que amam.



Então ele estava sempre se perguntando de onde ele poderia cortar mais gastos?



Nesse misto de sentir muito e culpar-se o tempo inteiro, Rato movia-se pelo ódio e pela culpa. O que parecia ser ódio contra si mesmo era, na verdade, um ódio profundo pela forma como a sociedade se organizava — um sentimento distorcido que o levava a acreditar que a grande falha era sua, por não se esforçar o suficiente para viver na grande engrenagem urbana.



Cansado da falta de energia e da falta de motivação, Rato decide ir ao médico — aquele médico lá, o psiquiatra. O doutor disse que ele tem um combo de transtornos, mas nunca perguntou sobre seu trabalho ou sua rotina. Agora, ele toma Clonazepam, Ritalina e Sertralina. Rato, não sabe ao certo para que serve esses remédios, só sabe que é para cabeça, ele acredita fielmente que a medicação pode resolver seus problemas de desmotivação, desesperança e exaustão.

Trabalho

S A U d e

Ψ

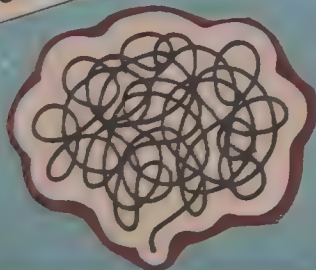
M o n t a L



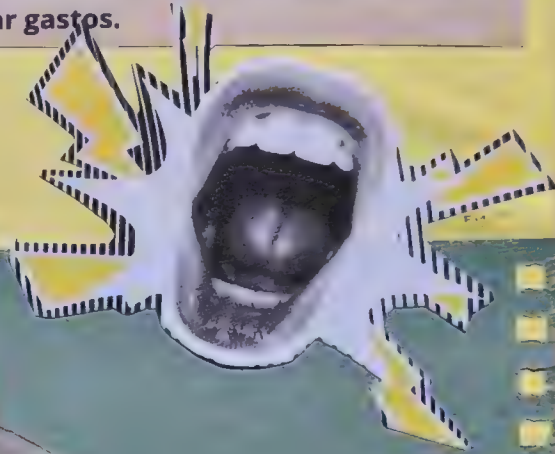
POUCO
DESCANSO



FALTA DE
MOTIVAÇÃO



Rato pensou em passar no RH da empresa, mas sentia muita vergonha de si mesmo. Em um dia de muita vulnerabilidade, Rato conversa com o patrão sobre um possível afastamento temporário do trabalho. Falou de seus sentimentos, de como estava se sentindo nos últimos meses. Mas o patrão logo falou que a empresa realmente precisava cortar gastos.



DIREITOS
NEGADOS

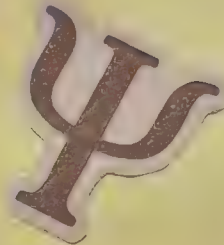


MEDO DE
PERDER
O EMPREGO

Depois daquela conversa, Rato sentiu-se um fardo. O grande ensinamento que ele tanto prezava era que o trabalho dignificava o homem. Ora, se já não servia como força de trabalho, então o que restava dele? Quando se tornaria humano? Quando deixaria de ser Rato? Que proposito de vida teria? Qual seria seu valor social?



Rato entende que não apenas o trabalho é uma mercadoria, mas também sua própria vida — uma mercadoria de pouco valor e preço. [1]



[1] De acordo com os dados do Ministério da Previdência Social, em 2024, houve quase 500 mil afastamentos do trabalho, o maior número registrado em pelo menos uma década, um aumento de 68%. Os casos de ansiedade e depressão estão entre as principais razões registradas para afastamento do trabalho, sendo frequentemente citados como fatores que impactam a saúde mental dos trabalhadores e comprometem sua capacidade de exercer suas funções.





Um corpo sem tempo pra si



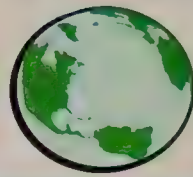
Ψ



"Morreu na contramão atrapalhando o tráfego"

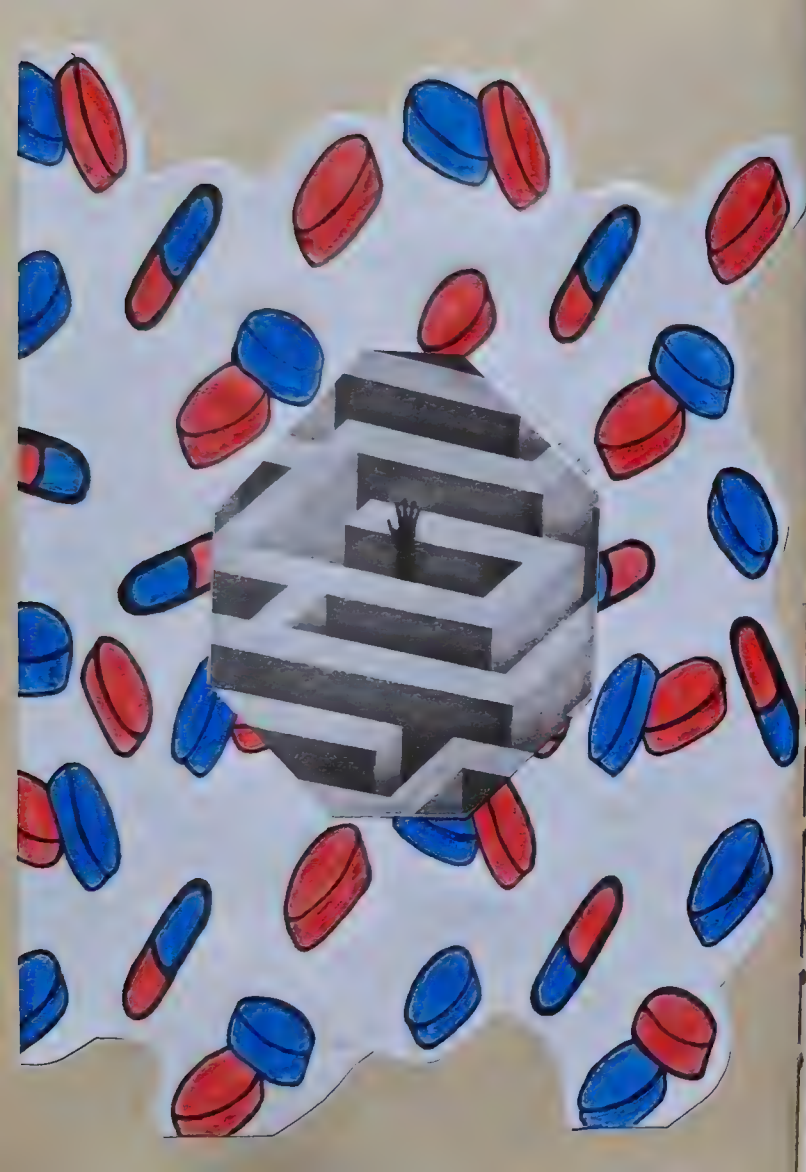


Depois de todas aquelas medicações, Rato vivia em constante sonolência. Certo dia, ele não conseguiu acordar no horário para ir trabalhar. Naquele dia de pressa e desespero, Rato salta da cama, já não dava tempo de pegar o ônibus para economizar na gasolina, então Rato acelera sua velha moto, tentando escapar da bronca do patrão. Mas o destino, impassível, o alcança na forma de um caminhão carregado de queijo. O impacto silencia o caos, e o trânsito intenso, por um instante, se curva aos olhares dos curiosos que se aproximavam com seus celulares para gravar a cena.



Outros ratos que trafegava ali, muito irritados ficaram, aquele magrelo Rato estava atrapalhando o trânsito. O direito de ir e vir de quem corria atrás da sua 2 gramas de queijo.

Era manhã, mas o sol já estava quente, e enquanto esperava o SAMU, delirava sob um sol escaldante de 34° graus. Rato começa a acreditar numa espécie de revolução. Na utopia de organização coletiva.





Em seu delírio o mundo era diferente: ele comia queijo todo dia, assim como podia escolher que tipo de queijo comeria. Em seu delírio a produtividade não adoecia, mas gerava suporte comunitário. Em seu delírio as pessoas trabalham em condições justas, sem exploração, e com tempo para lazer e desenvolvimento pessoal.

Em seu delírio o trabalho gerava cooperação e não competição desenfreada, havia senso de coletividade e apoio mútuo. Em seu delírio ele viajou para Ratolândia e experimentou muitos variados tipos de queijos.

Mas de repente alguém buzina e grita: vaaaaaaai levantaaaaa ou tá difíciliii, meu parceiro? Esse SAMU não chega pra desocupar esse trânsito!

Quando de repente a luz se apaga...a morte o chama: 053... Bem-vindo à vida. Do outro lado, o descanso te espera. Lembra? Era o que mais desejava. Sonhava com esse repouso aos 70 anos, mas o destino foi generoso: chegou antes, aos vinte e pouco. Olha que maravilha!

"Manchete pronta, sem dó, não importa quem morreu"
(Facção Central, Isso aqui é uma guerra, 1999).

ESTAR NO AR O JORNAL, ROEDORESNEWS.

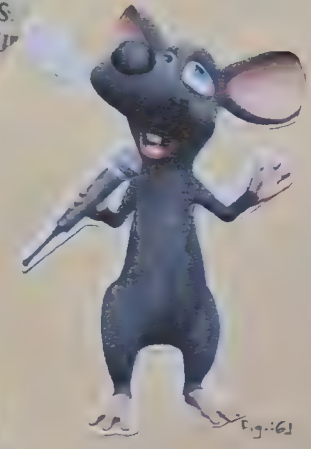
**MANCHETE DO DIA: Rato causa lentidão no trânsito e
atrasa a rotina de motoristas na Avenida dos
Sobreviventes.**

Meritocracy, 01 de maio.

Na manhã de hoje, um acidente provocou lentidão e irritação entre os motoristas que trafegavam pela movimentada Avenida dos Sobreviventes. Um rato minúsculo ocasionou um grande transtorno ao colidir com um caminhão carregado de queijo; o animal morreu no local, gerando um inesperado engarrafamento que durou cerca de duas horas.

A cena atraiu a atenção dos pedestres, condutores e curiosos que passavam pelo local para observar o corpo do animal, estendido no chão sob forte sol. Segundo informações da Secretaria de Trânsito, não seria necessário o bloqueio formal da Avenida, mas a curiosidade dos motoristas foi suficiente para provocar um congestionamento de mais de 3 quilômetros.

Na ocasião, o repórter Catita estava presente e conversou com alguns pedestres e condutores.





"Atrasou minha ida para o trabalho. Acidente acontece todo dia, né? Agora, o que não pode parar é o direito de ir e vir de nós, cidadãos", argumentou um motorista.

Outro condutor afirmou:

"Parece que ele estava em alta velocidade e não viu o sinal fechar. Mas a questão é: o fato dele estar com pressa, seja lá qual for o motivo, não lhe dava o direito de colocar a vida dos outros em risco, já que ele estava andando em alta velocidade e podia causar mais acidentes. Enfim, teve o fim esperado."

"É aquilo, né, meu amigo, por causa de um, todos pagam. Agora vou ter que pegar um UberMoto para chegar ao trabalho a tempo. Não posso esperar a boa vontade do SAMU para recolher o corpo."

O roedor, cuja identidade e histórico permanecerão desconhecidos, foi removido algumas horas depois por um funcionário da limpeza urbana. Apesar do impacto no trânsito, não houve feridos – exceto, é claro, o próprio rato, que faleceu no local enquanto aguardava o SAMU.



IMPORTANTE



IMPORTANTE

Marcha fúnebre

Assim como na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, a cachorra Baleia sonhou em acordar em um mundo repleto de preás — o Rato também sonhou em acordar em um mundo cheio de queijo.

Mas a morte o interrompeu naquele acidente estúpido na br. E em seu último delírio, sonhou com um mundo melhor, afinal, é isso que resta aos Ratos, apenas sonhos, que são quase sinônimo de delírio.

No dia 01 de maio, Rato foi enterrado com a lápide 053, mas nenhum de seus amigos e familiares puderam ritualizar sua breve passagem, pois todos estavam trabalhando.





Disciplina: SAÚDE MENTAL

Docente: Caio Maximino de Oliveira

Descrição das contribuições:

Lorena Costa Vieira

- Criação visual do zine: seleção de figuras, desenhos a mão, encapamento, recorte, colagens e diagramação;
- Revisão do roteiro, ficha técnica e referências de imagens;
- Desenvolvimento da estética e da estrutura das páginas;

Naara Fernanda da Silva Mendes

- Criação visual do zine: seleção de figuras, recorte e colagem;
- Escrita da introdução teórica com base nos autores Marx, Foucault e Thompson;
- Concepção e elaboração da ideia principal do zine;
- Seleção e organização das referências bibliográficas, musicais e de imagens;

Principais resultados/conclusões: A obra evidencia a naturalização da exploração e o adoecimento psíquico como elementos estruturantes da lógica capitalista, propondo uma crítica à invisibilidade do sofrimento mental.

Resultados e Discussão

A narrativa construída evidencia a sobreposição entre vida e trabalho, a desumanização dos sujeitos e os efeitos subjetivos da precarização. O personagem Rato funciona como metáfora de um trabalhador comum, representando a normalização da exploração. O uso de medicamentos, o esgotamento físico e mental, e a ausência de suporte institucional são apresentados como partes de um ciclo de sofrimento legitimado socialmente. O final trágico do personagem reforça a crítica à lógica meritocrática e produtivista.

Conclusões

O zine sintetiza a crítica ao capitalismo como sistema que transforma o trabalhador em mercadoria e esvazia o sentido do trabalho. O objetivo foi atingido ao conseguir expressar, por meio de recursos visuais e literários, a complexidade do sofrimento psíquico gerado por esse sistema. A obra propõe, ainda que simbolicamente, a utopia de um mundo coletivo e justo, onde o trabalho não adocece, mas humaniza.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS:



REFERÊNCIAS:

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

THOMPSON, Edward P. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. In: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 267-304.

Referências musicais:

BUARQUE, Chico. Construção. *Construção*. Rio de Janeiro: Philips, 1971. 1 disco sonoro (LP).

FACÇÃO CENTRAL. "Isso aqui é uma guerra". In: FACÇÃO CENTRAL. Versos sangrentos [compact disc]. São Paulo: Five Special, 1999

GENTIL, Ederaldo. Identidade. *Samba, Canto e Raiz*. Salvador: Eldorado, 1978. 1 disco sonoro (LP).

RACIONAIS MC's. A vida é um desafio. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 disco sonoro (CD).